

CONCEPÇÕES DE ROMANCE NO SÉCULO XIX: A CRÍTICA OITOCENTISTA E SEUS CRITÉRIOS

Andréa Correa Paraíso Müller (Professora Adjunta da UEPG)

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo identificar os critérios de avaliação de romances predominantes em meados do século XIX a partir do estudo da circulação e da recepção crítica do romance brasileiro *A filha da vizinha* (1859), de Antonio José Fernandes dos Reis, obra muito aclamada quando de sua publicação, mas hoje completamente esquecida. Baseando-nos em dados obtidos por meio de pesquisa de fontes primárias realizada com periódicos do século XIX e de pesquisa bibliográfica com trabalhos da área de história da leitura, procuraremos refletir sobre os parâmetros que norteavam os julgamentos feitos pela crítica literária de meados do século XIX e que a levavam a recomendar obras tão distintas das que ficaram posteriormente consagradas. *A filha da vizinha*, embora dificilmente fosse considerado um bom romance nos dias de hoje, obteve grande aceitação junto aos críticos que se expressaram na imprensa brasileira quando de sua publicação, em meados do Oitocentos, o que indica tratar-se de um texto perfeitamente adequado aos critérios que balizavam a apreciação de romances naquele momento. Estudar a recepção desse romance permite conhecer melhor a crítica literária oitocentista e seus critérios e, assim, compreender mais amplamente a leitura no Brasil daquele período.

Palavras-chave: crítica literária; século XIX; leitura; romance.

ABSTRACT

This paper aims at identifying the criteria used to evaluate the mainstream novels in the mid XIX from the study of the circulation and critical reviews of the Brazilian novel *A filha da vizinha* (The neighbor's daughter) (1859) by Antonio José Fernandes dos Reis, a highly acclaimed work at the time of its publication, but which has been completely forgotten. Based on the data obtained through the research into primary sources, that is, the survey of newspapers from the XIX century and the review of works on the reading history area, we propose a reflection in the parameters that guided the judgement put forward by the literary reviewers of the mid XIX century that led to the recommendation of works that differed so much from the ones that were later on recognized. *A filha da vizinha*, would hardly be considered a good novel nowadays, however, it had great acceptance from the reviewers who expressed their opinions in the Brazilian press at the time of its publication, in the mid 1800s, which means it represents a text that was perfectly suitable to the criteria that guided the appraisal of novels at that time. Studying the reception of this novel might enable a better understanding of the literary review of the 1800s and its criteria and, therefore, a broader view of reading in Brazil in that period.

Keywords: literary review; XIX century; reading; novel.

INTRODUÇÃO

Ao apresentar a literatura do Brasil oitocentista, as histórias literárias produzidas no século XX pautam-se, normalmente, em critérios de seu próprio tempo, ou seja, em parâmetros de julgamento desenvolvidos a partir do século XX, o que faz com que a relação de obras abordadas ou mencionadas se limite àquelas que se tornaram canônicas. Entretanto, quando consultamos os periódicos que circularam no país no século XIX, percebemos que os parâmetros de então diferiam bastante dos utilizados a partir do século XX e que o universo de obras em circulação era bem mais amplo do que podem nos fazer crer os livros didáticos e histórias literárias.

O presente artigo é fruto de pesquisa que toma a imprensa oitocentista como fonte primária e busca conhecer melhor os critérios de avaliação de romances em meados do século XIX para, assim, compreender, de forma mais ampla e menos anacrônica, a leitura no Brasil oitocentista. A reflexão se dará a partir da circulação e recepção do hoje desconhecido romance *A filha da vizinha*, de Antonio José Fernandes dos Reis.

A FILHA DA VIZINHA E OS CRITÉRIOS DA CRÍTICA OITOCENTISTA

Desconhecido da maior parte dos que estudam a literatura brasileira hoje, Antonio José Fernandes dos Reis teve uma trajetória relativamente produtiva nas letras e na imprensa brasileira de meados do século XIX. Além de escritor, foi também tradutor. Coube a ele a responsabilidade de concluir, em 1862, a tradução de *Os miseráveis*, de Victor Hugo, iniciada por Justiniano José da Rocha, para o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro (AGUIAR, 2002). Traduziu folhetins para esse periódico entre 1861 e 1868, tendo exercido a mesma função também no *Correio da tarde* (BLAKE, 1883, p. 215).

Seu romance *A filha da vizinha* foi publicado pela primeira vez no *Correio da tarde*, ao longo do segundo semestre de 1859. No final daquele ano, a tipografia do jornal imprimiu o texto completo do romance, como geralmente se fazia com os folhetins de sucesso. A publicação em livro foi recebida com artigos e notas bastante elogiosas por parte da imprensa da corte. Provavelmente com a intenção de divulgar o romance que estava comercializando, o *Correio da tarde* reproduziu alguns dos textos veiculados por outros

jornais a respeito da obra. No dia 21 de dezembro de 1859, divulgou uma nota que havia sido publicada originalmente no periódico *O Espelho*:

Não podemos deixar de pedir o acolhimento público para esta nova publicação. A falta de romances originais brasileiros é geralmente reconhecida, e assim cumprimos um dever appaludindo todo o escritor que se propõe [...] a desenvolver tantas scenas curiosas que em família passam entre nós desaperecidas (O CORREIO DA TARDE, 1859, p. 2).

1

A nota, assinada apenas com as iniciais M.G., não se estendia apontando qualidades no texto de Fernandes dos Reis; a grande virtude da obra parecia residir no simples fato de ser um romance brasileiro. Comprometido com a edificação de uma literatura pátria, o jornalista sente-se no dever de incentivar novos escritores para fazer face à alegada escassez de produções nacionais. Outro texto publicado na imprensa a respeito de *A filha da vizinha* parece imbuído do mesmo sentimento. Trata-se de uma nota veiculada pelo *Jornal do Commercio* e reproduzida pelo *Correio da tarde* alguns dias depois da primeira:

Aos Srs. Redactores das nossas folhas cumpre fazer uma analyse completa d'esse bello romance, desempenhando assim um dos primeiros deveres, que é animar as produções dos talentos (O CORREIO DA TARDE, 1859, p. 2).

No dia 26 de fevereiro de 1860, o romance de Fernandes dos Reis foi saudado com uma crítica elogiosa publicada na *Revista Theatral*. Assim como a nota divulgada no periódico *O Espelho*, aludia à suposta escassez de produções literárias nacionais:

A literatura, essa base da civilização dos povos e da qual se faz sentir a falta neste poético e inspirador solo, rico de natureza, acaba de ser enriquecida com um magnifico mimo filho da fecunda imaginação do Snr. Antonio José Fernandes dos Reis – *A filha da vizinha* (REVISTA THEATRAL, 1860, p. 53).

Depois de ressaltar o êxito que o romance vinha obtendo na imprensa de então, o articulista R. P. procurou incentivar Fernandes dos Reis a prosseguir na literatura:

¹ Mantivemos a grafia original dos textos extraídos de periódicos do século XIX. Os periódicos foram consultados no site da Hemeroteca Digital Brasileira e no Arquivo Edgard Leuenroth, da Universidade Estadual de Campinas.

Talvez seja tarde para felicital-o depois da imensa e justa aceitação que obteve, e dos merecidos encômios que lhe hão prodigalizado os jornaes da corte e de fora dela. [...] O Snr. Fernandes dos Reis é um moço de grande talento [...] nós o aconselhamos que prosiga, que não queira privar a pátria com a falta de seus escriptos (REVISTA THEATRAL, 1860, p. 53).

Ao argumentar que o romancista não poderia privar a pátria de seus escritos, o crítico demonstrava o comprometimento com a edificação e consolidação de uma literatura nacional. Não nos esqueçamos de que, ao longo do Oitocentos, tal preocupação era quase que uma constante entre os críticos e os escritores. Por essa razão, não é raro encontrar textos críticos desse período nos quais os articulistas empenhavam-se no incentivo aos escritores locais. Em um ensaio publicado em dezembro de 1865 na *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Litterarios*, o crítico F. T. Leitão, ao tecer elogios ao romance de Bruno Seabra, *Paulo*, lamentava a falta de escritores românticos brasileiros, de modo particular autores que tratassem de temas ligados à história e às tradições do país, como, segundo ele, fazia o jovem Bruno Seabra em seu romance. Apesar da alegada escassez, elencou escritores nacionais que ele acreditava aproximarem-se de tal modelo, entre os quais incluía Fernandes dos Reis:

Mas, enquanto essa desejada revolução não se vê consolidada, ou ao menos com probabilidades de o ser, não é desassisado demorar-me alguns minutos contemplando outras obras de autores nacionais, obras que de alguma forma se aproximão da estrada oposta. O Dr. Macedo é o primeiro a ser apresentado com a *Moreninha*, *Roza*, *Dous Amores*, *Moço loiro* e outras, José de Alencar, Teixeira e Souza, Dr. Teixeira, Manoel de Almeida, Fernandes dos Reis, Pinheiro Guimarães, Bruno Seabra e poucos mais, seguem o incansável autor da carteira de meu tio (LEITÃO, 1865, p. 207).

Leitão prosseguia seu texto deplorando a escassez de autores brasileiros e a demora dos poucos existentes em publicar suas obras. Na opinião do crítico, a falta de produções nacionais causava prejuízos à nascente literatura brasileira, uma vez que as traduções de romances estrangeiros estavam constantemente presentes na imprensa local:

E a litteratura patria sofre bastante com essas faltas porque enquanto uns dormem demasiadamente sem cousa alguma produzir, ou sem terminar as obras em parte impressas; enquanto outros te-n'as prontas sem as dar á publicidade; o Diario eo Jornal do Commercio traduzem do francez quanto vem do diabo, o Constitucional publica um romance de Berthoud e o Correio Mercantil mimosêa os seus leitores com um romance de

assumpto nacional, porem de uma grande intelligencia portugueza!
(LEITÃO, 1865, p. 207).

As inquietações manifestadas por F.T. Leitão nesse texto são semelhantes às preocupações de boa parte dos críticos e escritores brasileiros de meados do Oitocentos: fortalecer e incentivar a literatura nacional, divulgar as produções de escritores brasileiros e, diante da grande circulação e sucesso de romances estrangeiros, promover e estimular a leitura de obras nacionais.

A grande aceitação que os romances franceses, sobretudo os folhetins, conquistavam junto ao público impeliu os homens de letras a expressarem-se nas páginas dos periódicos na tentativa de defender e promover a literatura nacional. A *Revista Popular*, publicada pela prestigiosa Casa Garnier, trouxe, na sua edição de abril a junho de 1862, um artigo sem assinatura intitulado “O amor próprio”, que lamentava o desconhecimento das moças de então em relação ao seu próprio idioma e deplorava o interesse que elas demonstravam pela língua francesa e pelos romances franceses, perigosos instrumentos de corrupção da inocência na opinião do articulista:

A educação litteraria entre nós é a causa primaria do mal, porque falta o amor próprio. A moça de educação esmerada, [...] que língua aprendeu senão a franceza? Ignora os preceitos rudimentares da sua língua, nunca viu mesmo a grammatica portugueza; mas sabe francez, quanto basta para ler o Courier des Dames e uma dose de romances que depravão o coração, corrompendo a inocência (REVISTA POPULAR, 1862, p. 241).

Além do foco na questão da nacionalidade, observa-se no extrato acima reproduzido, o emprego de outro critério muito importante na avaliação da produção literária, sobretudo de romances, no século XIX: a moral. Até a segunda metade do Oitocentos, a concepção de literatura incluía a moral: escritores, críticos, magistrados, religiosos e outros representantes da sociedade de então que se expressavam na imprensa a respeito da literatura acreditavam que esta tinha a capacidade de influenciar os pensamentos, costumes e atitudes dos leitores (MÜLLER, 2012); por essa razão, os romances bem avaliados eram, de modo geral, os considerados morais, isto é, aqueles que não apresentassem exemplos tidos como reprováveis e que edificassem seus leitores em vez de fazê-los imitar comportamentos errôneos.

O romance *A filha da vizinha* recebeu, portanto, fortes elogios da imprensa brasileira de seu tempo com base em dois dos mais importantes parâmetros da época para apreciar uma

obra literária: a moral e a nacionalidade. Se nas notas reproduzidas no *Correio da tarde* e nos textos publicados na *Revista Theatral* o romance de Fernandes dos Reis foi recebido entusiasticamente por tratar-se de uma produção brasileira que vinha engrossar uma literatura em processo de formação, no artigo que abordaremos a seguir, publicado em 1º de outubro de 1860 na *Revista Popular*, a principal baliza para a aprovação e recomendação da obra foi a moral. O crítico Nuno Alvares Pereira e Sousa, autor do artigo, opunha *A filha da vizinha* a *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, romance que fora publicado em livro na França em 1857, após ser absolvido no processo de imoralidade que sofrera quando de sua divulgação em capítulos na *Revue de Paris*. Nuno Alvares comparou o romance de Flaubert a um “veneno lento”, danoso para as “almas incautas”:

Romances como esse são mil vezes peores que os contos de Boccaccio ou as narrativas de Brantome; são venenos lentos, que se deslizão imperceptivelmente pelo coração, e que pouco a pouco se inoculão nas almas incautas, que sempre se deixão levar pelo lado romantico ou da imaginação (SOUSA, 1860, p. 85).

Comparar um romance a um veneno de efeito lento e nefasto não foi invenção do respeitado crítico da *Revista Popular*. Essa metáfora já era empregada pelos detratores do gênero romance desde, pelo menos, o século XVIII (ABREU, 2003; CHARTIER, 1995). Nuno Alvares estava longe de ser um detrator do gênero romanesco, mas baseava-se no critério moral para distinguir os bons dos maus romances. Louvando o fato de não existirem na literatura brasileira romances como *Madame Bovary*, o crítico enaltecia a moralidade do romance de Fernandes dos Reis:

Felizmente para a nossa litteratura, esse genero é verdadeiramente desconhecido entre nós, e para isso fazemos apelo a uma ultima publicação brasileira. *A Filha da Vizinha* [...] é um livro que, sem prejuízo algum pode ser lido por todos. O seu autor compreendeu que as nossas famílias precisam de obras cheias de moralidade e que afastem das suas mãos a mor parte das traducções, que não so pecão na pureza da linguagem, como nem sempre são muito felizes os traductores nas suas escolhas (SOUSA, 1860, p. 85).

Certamente afigura-se estranho aos leitores de hoje reprovar o tão consagrado *Madame Bovary* e saudar com entusiasmo o atualmente desconhecido *A filha da vizinha*. Ao fazê-lo, entretanto, Nuno Alvares estava simplesmente aplicando os critérios dominantes em seu tempo, o que demonstra a sua adequação e o seu pertencimento aos ideais e

concepções da crítica oitocentista. O estranhamento que pode ser causado por sua análise se esvai quando nos desvencilhamos das posturas anacrônicas ao olhar para a literatura do passado e levamos em conta a leitura e a recepção crítica que se faziam em meados do século XIX. Segundo o principal critério empregado na avaliação de romances naquele período, a moral, *Madame Bovary* era reprovável, enquanto *A filha da vizinha* era recomendável.

À medida que esses critérios foram-se modificando, ao longo da segunda metade do século XIX, romances como o de Flaubert e tantos outros que haviam sido mal recebidos inicialmente por serem vistos como imorais passaram a ser valorizados, enquanto muitos daqueles que haviam sido aclamados em seu tempo foram caindo no esquecimento. Ao final do Oitocentos, foram surgindo e se firmando novos modos de ler e de avaliar a produção literária, de modo particular a prosa romanesca. Em detrimento da exigência de moralidade, começaram a ser mais valorizados aspectos relacionados à construção do texto, à elaboração artística (AUGUSTI, 2008, p. 410). No entanto, quando Fernandes dos Reis publicou *A filha da vizinha*, seu romance estava em perfeita sintonia com os critérios e convenções daquele período, o que explica seu sucesso e sua calorosa acolhida pela crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos que a história literária consagra nem sempre coincidem com aqueles que foram os mais exitosos ou significativos em sua época de surgimento. Isso se deve ao fato de que os critérios de avaliação crítica da literatura e da arte não são imutáveis, mas transformam-se ao longo do tempo, transformando a leitura e o valor das obras. Todavia, ao ignorar, muitas vezes, as práticas de leitura e do passado e o universo cultural em que estas se inseriam, a história literária corre o risco de transmitir da literatura do passado uma imagem fictícia, como observa Darnton:

Os grandes livros fazem parte de um conjunto canônico de clássicos selecionados retrospectivamente, ao longo dos anos, pelos profissionais que se encarregaram da literatura – isto é, pelos críticos e professores universitários [...]. Esse tipo de literatura talvez nunca tenha sequer existido fora da imaginação dos profissionais e seus estudantes (DARNTON, 1995, p. 145).

Ao investigar a recepção de *A filha da vizinha* na imprensa oitocentista, não temos, de forma alguma, a intenção tola e revisionista de reclamar a consagração desse romance em detrimento de qualquer outro romance que tenha se tornado canônico. O intuito da pesquisa foi compreender melhor, por meio do recurso às fontes primárias, os critérios da crítica de meados do século XIX e, assim, chegar a uma visão mais ampla e menos anacrônica do universo letrado do Oitocentos e da leitura de romances no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

AGUIAR, Ofir Bergemann. Os miseráveis no rodapé do Jornal do Commercio: uma tradução integral e semântica. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL VICTOR HUGO, 1, 2002, Belo Horizonte, **Anais eletrônicos**. Belo Horizonte, 2002, v. 1. Disponível em: www.lettras.ugmg.br/victohugo . Acesso em: 08 jun. 2018.

AUGUSTI, Valéria. Do gosto inculto à apreciação douta. Consagração do romance no Brasil do Oitocentos. In: ABREU, Márcia (org.). **Trajetórias do romance**: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

LEITÃO, F. T. Paulo. **Revista Mensal da Sociedade Ensaio Litterarios**. Rio de janeiro, n. 6, p. 207, dez. 1865.

MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. **De romance imoral a obra-prima: trajetórias de Madame Bovary**. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2012.

O CORREIO DA TARDE, Rio de Janeiro, n. 290, p. 2, 21 dez. 1859.

O CORREIO DA TARDE, Rio de Janeiro, n. 298, p. 2, 29 dez. 1859.

REVISTA THEATRAL, Rio de Janeiro, n. 7, p. 53, 26 fev. 1860.

SOUSA, Nuno Alvares Pereira e. A filha da vizinha: romance do Sr. Antonio José Fernandes dos Reis. **Revista Popular**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 84-89, out./dez. 1860.